

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



DA LINHA A COR: REPRESENTATIVIDADE NEGRA FEMININA NAS ARTES VISUAIS

Fernanda Veloso da Costa¹, Renata Aparecida Felinto dos Santos²

Resumo: Estudo desenvolvido no projeto YABARTE - Processos gestacionais na arte contemporânea a partir dos pensares e fazeres negros femininos, que compõem as atividades do Grupo de Pesquisa NZINGA - Novos Ziriguiduns Internacionais e Nacionais Gerados nas Artes Visuais, alocado na Universidade Regional do Cariri URCA – CE, com vistas em visibilizar a potente produção de desenhos e pinturas de artistas visuais contemporâneas, evidenciando e considerando parte das participações e protagonismos excluídos da nossa historiografia. Especificamente, deseja-se inscrever a história das artes visuais as narrativas e produções artísticas da população negra brasileira, especialmente em relação à importância das mulheres no lugar de produção de conhecimento nesta área. Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica descritiva com artistas negras e seus trabalhos em linguagens como pintura, desenho e ilustrações, através de entrevista para coleta de dados que serviram para apresentar cada uma das produções artísticas, influências, processos e poéticas que nos auxiliam a inscrevê-las e a compreender melhor como é ser mulher negra artista visual brasileira.

Palavras-chave: Gênero. Desenho. Pintura. Yabarte. Artes visuais.

1. Introdução

As bases da história e cultura do Brasil também estão apoiadas nas existências, resistências e participações dos povos africanos, de sua descendência e dos povos originários, outrora identificados como indígenas, que compõem nosso grande contingente populacional distribuído no território brasileiro. Por esta razão, essas duas matrizes de formação do Brasil deveriam ser naturalmente citadas com frequência nos livros de história, porém sofrem apagamentos e esses escritos ressaltam apenas a matriz branca e europeia, contam uma história hegemônica e unilateral. Quando pensamos na história das artes visuais, essa omissão se repete se buscarmos os acontecimentos, biografias, produções artísticas que nos representem como população afroindígena.

Nessa procura por representatividade nos registros escritos das artes visuais, será que é realizada alguma reflexão acerca de quem produz os textos que narram a história, bem como as contribuições dos fazeres artísticos e

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri-URCA. email:fernanda.yabarte@urca.br

²Artista visual e professora efetiva adjunta do setor de Teoria da Arte do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri-URCA, Doutora em Artes visuais- IA/UNESP, email: renata.santos@urca.br

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



sobre as pessoas que os fazem? Há questionamentos quanto às presenças dos artistas visuais do segmento negro, em especialmente as mulheres? Quantas artistas visuais negras foram reconhecidas e registradas? Quais delas nós conhecemos? Iniciamos pelo século XX, no qual o Brasil passava por diversas modificações sociais, políticas e econômicas devido ao advento da industrialização, ao fim da Primeira Guerra Mundial, onde intelectuais e artistas do Brasil objetivavam alinhar-se à produção de arte da Europa e romper com os valores estéticos antigos, ainda muito apreciados no país, para dar lugar a novos estilos que questionavam os cânones tradicionais das Belas Artes.

Entre as artistas visuais que apontam para uma inovação estética apresentamos a pintora paulistana Georgina Albuquerque (1885-1962) que iniciou os estudos em sua cidade natal (Taubaté), e que foi casada com o pintor italiano, Lucilo Albuquerque (1877-1939). Posteriormente à presença e ao registro da produção de Georgina Albuquerque de que demarca a mulher pintora se ambientando em relação às mudanças pictóricas pautadas nas transformações que ocorriam na Europa, podemos destacar a produção de Anita Malfatti (1889-1964), que realizou a primeira exposição modernista do Brasil em sua individual de 1917. Com título “Exposição de Pintura Moderna de Anita Malfatti”, ela é a primeira pessoa da classe artística do Brasil a incorporar diretamente a pesquisa acerca das chamadas vanguardas europeias, ao se alinhar à escola expressionista alemã.

Isso posto, ao lado de Anitta Mafalitti, a Tarsila do Amaral (1886-1973), foi a mulher cuja produção foi a mais representativa na primeira fase do movimento modernista brasileiro. Começou ter aulas de desenho e pintura em 1918, quando conheceu a pintora Anita Malfatti. De 1920 a 1922, foi para a França estudar em Paris, na Académie Julien. Não participando da *Semana de Arte Moderna* soube desse acontecimento através das cartas da amiga Anita Malfatti.

Mais tarde em 1942, outra artista ganha seu espaço em salões de arte como *Salão Nacional de Belas Artes*, a paulistana Djanira da Motta e Silva (1914-1979), que teve contato com as artes visuais muito cedo, em 1930 registra-se a realização de seu primeiro desenho.

Ao passo que as pintoras anteriormente mencionadas ganham espaço em exposições e salões de arte moderna no Brasil, interagem e se relacionam com uma dada intelectualidade que se entende vanguarda, uma artista mineira vendia seus quadros em praça pública na cidade de São Paulo, na tentativa de dar visibilidade à sua expressividade por meio de pinturas (e de vendê-las), frequentando espaços como o centro da cidade de Embu das Artes que se configura como um de seus lugares de formação e, também como espaço ocupado por um grupo de artistas que o ocupava e que a acolheu.

Maria Auxiliadora da Silva (1935-1974) cresceu numa família de artistas autodidatas, trabalhadores e ativistas do movimento negro, teve que parar de estudar aos 12 anos, e sua família mudou-se para São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica e costureira. Contou com ajuda de Raquel Trindade (1936-2018), que teve uma importante atuação como pesquisadora e foi professora visitante no Instituto de Artes da UNICAMP, em São Paulo, na

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



década de 1980. Com aulas de folclore, sincretismo religioso afro-brasileiro e teatro negro, também foi palestrante em diversas escolas, promovendo *workshops* e depoimentos sobre danças, temas culturais, religiosos e folclóricos.

Outra significativa produção de uma artista visual negra na década de 1970, cujos temas são a religiosidade africana iorubá, ancestralidade, paisagens e natureza morta, é da baiana Yeda Maria Correia de Oliveira (1932-2016). Ela é a primeira a ingressar numa universidade como estudante e, posteriormente, como professora, estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde em 1956 recebeu o Prêmio Menção Honrosa no Salão Baiano de Artes Plásticas. Em 1972, ingressou no corpo docente da Escola de Belas Artes da UFBA, onde lecionou Desenho e Gravura.

Explicitamos que mesmo essas artistas visuais sendo pouco ou nada mencionadas, ao estudarmos o período modernista podemos considerá-las revolucionárias se focarmos o contexto histórico das mulheres negras. Ainda assim, identificamos omissões e apagamentos em relação às suas participações, produções e biografias.

2. Objetivo

Apresentar parte das pesquisas realizadas sobre essa lacuna histórica, considerando as participações e protagonismos excluídos da nossa historiografia, especialmente em relação ao reconhecimento e necessidade das mulheres negras no lugar de produção de conhecimento em artes visuais, no qual, rompem barreiras acerca do exercício artístico nesta área e de quem pode fazer, pode criar.

3. Metodologia

Pesquisa é de cunho biográfico descritivo, caracterizada por um estudo onde há análises, registros e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador. Quanto aos meios que foram utilizados para realização, caracterizo a pesquisa do tipo survey, “pois obtêm dados ou informações sobre característica, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado com representante de uma população alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário” (Tanur apud Pinsonneault & Kraemer, 1993).

O campo de pesquisa se deu em todo o Brasil, os levantamentos iniciais foram de mais de 100 artistas atuantes, atualmente em catálogo temos 80 registros. Todas elas negras, mulheres, com ou sem formação, e que tivesse produções artísticas das mais diversas técnicas. O contato ocorreu por meio de redes sociais e e-mails, com vistas em entrevista-las, assim, os instrumentos para coleta de dados foi um questionário entrevista para obter informações básicas e simples da vivência artística de cada uma delas.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



4. Resultados

Com os registros obtidos, foi possível catalogar importantes produções, biografias, intervenções de artistas negras em 09 estados brasileiros, ainda em andamento e fase de conclusão. Este estudo também oportunizou a participação em diversos eventos acadêmicos que tiveram como tema principal a valorização da cultura afro-brasileira. Dentro das produções, também há escritos tanto das pesquisadoras, quanto da orientadora enaltecendo e reconhecendo as participações e protagonismos excluídos da nossa historiografia.

5. Conclusão

Os dados pesquisados retratam um recorte da produção de mulheres negras e suas produções que mesmo após a explanação do contexto histórico e jogando para a atualidade foram negligenciadas, apagadas e reprimidas pelo sistema hegemônico, presente nos registros das artes de forma geral. Produções potentes que carregam memórias, experiências, diversidade em temas que perpassam por diferentes momentos da história, direcionando novos olhares, ocupando e resistindo em espaços ainda muito elitistas, como afirma a filósofa Sueli Carneiro:

(...) acredito que nessa década, as mulheres negras brasileiras encontraram seu caminho de autodeterminação política, soltaram as suas vozes, brigaram por espaço e representação e se fizeram presentes em todos os espaços de importância para o avanço da questão da mulher brasileira hoje. (CARNEIRO, 2011, p 5).

Assim como enegrecer o feminismo se faz necessário, nas artes visuais não é diferente, dentre as artistas negras citadas nesse texto, ainda existem muitas outras em processos de criação relacionando ponto, linha e cor com narrativas afro-brasileiras, expandindo a oferta de produções multiculturais que levem em conta a pluralidade cultural brasileira, são elas: Aryane Marciano, Carli Ayô, Carolina Folêgo, Dayse Carina, Fhernanda Veloso, Iléa Ferraz, Kerolayne Kemblim, Libértula, Patrícia Abórisà, Rosana Paulino, Sheyla Ayô e Troveja Isabela. Conseguimos dar um grande passo com essa pesquisa apesar de estarmos em fase inicial, esse momento evidencia mais uma vitória na luta pela emancipação de artistas visuais mulheres negras no mundo da arte.

6. Referências

CARNEIRO, Sueli. ***Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.*** Fundadora e coordenadora-executiva do Geledés – Instituto da Mulher Negra São Paulo SP. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao->

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>.

Acesso em 02 de julho de 2019

TANUR, PINSONNEAULT, A. & KRAEMER, K.L. **Pesquisa em sistemas de informação gerencial: uma avaliação**. *Jornal do Sistema de Informação Gerencial*, 1993.